

III. RESENHA

A HISTÓRIA GLOBAL COMO INTEGRAÇÃO: UMA TENTATIVA DE DELIMITAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E UMA DEFESA DE SUA IMPORTÂNCIA ÉTICA

**CONRAD, SEBASTIAN. *WHAT IS GLOBAL HISTORY?*
PRINCETON: PRINCETON UNIVERSITY PRESS, 2016. 312 P.**

Santiago Colombo Reghin¹

A História Global vem ganhando força em diversas áreas de concentração, assim como apresentando novas propostas de como escrever a história procurando conectar diversas narrativas antes isoladas. Entre diversas áreas e temas, podemos tomar a História Antiga, que nas últimas décadas ganha novas conjecturas com a percepção global e integrada da história. Novos fenômenos puderam ser levantados, assim como a re colocação de velhas questões. A exemplo, temos a formação de culturas e sociedades na longa duração no Mediterrâneo. O que antes era visto como comunidades que se desenvolveram de forma local e isolada puderam ser recolocadas como sociedades e ecossistemas desenvolvendo-se mutuamente – mesmo alguns sendo autônomas, não eram isoladas. Tal concepção está presente em autores paradigmáticos para a História Antiga como Horden e Purcell (2000) e Cyprian Broodbank (2013). A antiga questão do surgimento da história como uma visão política de historiadores locais também é reformulada com Siep Stuurman (2008) ao colocar Heródoto como um historiador que vive e reflete sobre questões transregionais. Autores como Kostas Vlassopoulos (2013) usam abertamente conceitos ligados ao fenômeno contemporâneo, como globalização e glocalização, para explicar os meios em que a cultura grega se globalizou e se tornou uma cultura mediterrânea. O debate também se estende para diversos espaços da Antiguidade, como no Oriente Próximo durante o final da Idade do Bronze, com Van de Mieroop (2009) concebendo um sistema de equilíbrio multipolar entre os impérios presentes.

¹ Graduando em História (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: santiago_tj96@hotmail.com.

Apesar do amplo uso de tais perspectivas globais, a questão de como realizar tais conexões e suas implicações para o conhecimento histórico ainda é algo incerto, gerando debates e críticas sobre a pertinência e poder explicativo de tais analogias e conceitos contemporâneos para os mais diversos fenômenos históricos. O livro da presente resenha procura delimitar caminhos e refinar a definição dessa nova proposta. O historiador alemão Sebastian Conrad é especialista em história colonial Alemã e Japonesa, assim como nos processos de globalização. Ainda sem uma tradução para o português, o livro *What is Global Historie?* era inicialmente para ser uma reedição e tradução do seu livro *Globalgeschichte*, de 2013. Todavia, em 2016 Conrad não fez apenas uma tradução do alemão para o inglês, mas um livro completamente novo, mantendo apenas dois capítulos do livro anterior. Isso devido à dinâmica em que a História Global vem ganhando com o aumento de sua presença nos debates acadêmicos, seja para críticas ou para olhares mais benévolos. Não ser apenas um compartimento no meio de outros, mas sim uma perspectiva colocada em debate com diversas dimensões, domínios e temas, faz com que ela seja adotada ou criticada globalmente pelas mais diversas áreas.

A resposta à pergunta que nomeia o livro não é apresentada como uma definição estrita. Para começar a delimitar seu objeto, ele coloca duas concepções possíveis de História Global: como um processo e como uma perspectiva. Essa divisão é heurística, mas necessária. Todavia não se pode restringir a definição nem a uma quanto à outra, demandando que o historiador que as utilize entenda-as como uma relação dialética. Percebendo que o debate em voga surgiu pelo contexto de um processo histórico de integração e complexificação das relações mundiais, essa nova experiência histórica colaborou para o surgimento de uma perspectiva que tivesse um poder de formular explicações e teorias sobre tal processo. A relação processo/perspectiva percorre os dez capítulos do livro que, após a introdução, podem ser divididos em 3 partes. Primeiro, uma análise da historiografia e suas possíveis indicações de instrumentos teóricos úteis para a nova perspectiva, utilizando-se de diversos exemplos historiográficos. A segunda apresentando a própria perspectiva do autor e como ela complementaria as anteriores. E, por fim, as implicações éticas da nova perspectiva.

Na introdução são contextualizados os fatores e eventos para um crescente interesse na História Global. A exemplo da Guerra Fria, do Onze de Setembro, a revolução nas comunicações e o aumento da mobilidade

contribuíram para uma maior consciência da complexidade global. No campo da história e para além dela estes fatores geraram a competição de narrativas e o anseio para um modelo explicativo que conseguisse comporta-las. Paralelamente, tem-se a demanda de perspectivas mais inclusivas e não eurocêntricas. Tudo isso demonstra uma nova visão emergindo do contexto presente, clamando por uma mudança nos modos de pensar a disciplina da História. Essa, segundo Conrad (2016, p. 3), “tem dois erros de nascença”: é uma perspectiva que tem a Europa como centro difusor e, ao mesmo tempo, divide seus objetos de forma compartimentada, que privilegia explicações internas (sociedades em *containers*) sem procurar relações complexas com fenômenos externos. Isto resulta em um modelo e linguagem com pretensão universal, mas que exprimem uma visão muito paroquial. Na demanda da inclusão, os historiadores já se dirigem para uma História Global (mesmo sem saber, mas ainda de modo não formalizado), mudando seus métodos e enfoques. Dirigem-se para as trocas (de pessoas, bens e informações), mobilidade, barreiras e fronteiras, também tendendo para a procura de conexões. Todavia, esses métodos e enfoques não são suficientes para uma História Global. Pelos menos não de acordo com a perspectiva do autor, este que coloca a História Global não com uma história de tudo na terra ou simplesmente história das conexões, mas foca na integração, ela situa os objetos e processos em estruturas comuns, as quais são produtos e produtora de relações. A integração é diferente da conexão, pois é pela integração que formam as bases econômicas, sociais e políticas que incentivaram e possibilitaram as conexões. Como exemplo, coloca o livro de Christopher Hill (2008), onde é exposto no século XIX uma mudança de ordem mundial, a qual é a condição de possibilidade para a formação dos Estados Nação; desse modo não são simplesmente colocadas nações em interação, mas formulada uma ordem comum com função estruturante e integrativa dos estados. Assim os Estados não surgem isolados e depois se conectam, mas antes existe um contexto de interdependência que incentiva as políticas nacionais, estas desenvolvidas de forma conjunta. Este exemplo ilustra bem a História Global como processo e perspectiva, sendo aquele algo intensificado no século XIX mas principalmente no XX, e a perspectiva como uma consequência desse processo, resultando nas teorias da globalização em diversas áreas. Esta nova perspectiva tem o potencial

de gerar novas questões e novos modos de pensar o espaço, que são produzidos por estruturas dinâmicas.

Prosseguindo para a primeira parte do livro, Conrad narra sua história da historiografia focando no pensamento global. Ele busca os diferentes modos de como as pessoas refletem o seu lugar no mundo. Destaca que uma consciência Global não se resume em algo moderno e europeu, já sendo trabalhado por historiadores na Antiguidade, na cultura Árabe e Chinesa. Contudo, a partir do século XVI a Europa entrava em contato com culturas diferentes, ampliando e integrando-se em estruturas já existentes. Assim tal autopercepção como unidades nacionais excepcionais e superiores surge para responder a uma demanda nova colocada por uma integração assimétrica e hierarquizada do mundo. História Nacional e consciência global não poderiam estar mais conectadas. A partir da Modernidade, com a experiência nacionalista, surge uma historiografia que vira o modelo padrão na academia (2016, p. 25). Sua principal característica é ser autocontida e eurocêntrica, pois generaliza a experiência europeia não só para espaços outros, mas também para diversos tempos em que tal organização nacional não existia. Tal modelo historiográfico é o maior alvo da História Global na perspectiva de Conrad. No século XX o modelo nacionalista continua com força total, com diversos movimentos nacionalistas ao longo do globo. Conrad vê como positivo o surgimento das críticas ao eurocentrismo que acompanham a historiografia dessas novas nações. Todavia a lógica nacional continua intacta, ou seja, reproduz um modelo eurocêntrico de forma não totalmente consciente. Ainda mais porque são percebidas apenas conexões fortuitas, mas não as integrações. A forma de um polo difusor de civilizações independentes, auto gerativas e teleológicas permanecem como hegemônicas na historiografia. No terceiro capítulo, o autor apresenta cinco aproximações historiográficas que surgem a partir da Nova História depois da metade do século XX, as quais criticam as formas antigas (p.37). Conrad segue um padrão, primeiramente exibindo a novidade da nova aproximação em relação às antigas formas consideradas “isolacionistas”, em seguida diferenciando-a das outras perspectivas concorrentes e contemporâneas, para no final destacar as suas desvantagens e aproveitando a brecha para inserir a História Global como uma perspectiva que complementa ou corrige tais “limitações”. A primeira seria a História Comparada, a segunda seria uma perspectiva transnacional seguida pela

análise do Sistema-Mundo; os estudos Pós-coloniais; por último as Múltiplas Modernidades. A exposição de Conrad em certos momentos parece apresentar uma teleologia historiográfica que culminará no seu próximo capítulo, realizando o mesmo esquema argumentativo que foi criticado nas narrativas nacionalistas como teleológicas. Mesmo que na introdução ele foque na necessidade das diversidades historiográficas e nos limites existentes para as funções da História Global, os maiores defeitos das cinco historiografias são justamente que elas não são uma História Global.

A segunda parte começa com as respostas às críticas das cinco aproximações. Conrad coloca a História Global como uma perspectiva diferencial, mas não como contraditória às aproximações acima. Sua ênfase é na integração e transformação de estrutura em nível global, isso transformaria/corrigiria as antigas perspectivas. Elas que já percebiam os fluxos trans-regionais, mas continuavam com um foco de desenvolvimento interno e difusionista. É justamente tratar “História Global” como um termo genérico, englobando os mais diversos assuntos relacionados a fluxos e trocas, que Conrad denuncia como causa da atual falta de definição. A História Global precisa de um sentido mais restrito, sendo seu grande diferencial o foco espacial – o qual não é necessariamente uma macro-análise, sendo possível realiza-la em diversos níveis, pois a integração não é uma questão de quantidade nem de escala, mas sim de qualidade (2016, p. 105), possibilitando uma micro-história global (2016, p. 118). Para delimitar tal processo qualitativo é preciso acompanhar as formações estruturais e seus agentes que são afetados e produzidos por elas. Essas formações produzem novos espaços. Sendo assim, não é possível naturalizar e utilizar categorias prontas (como os Estados, ou até os sistemas-mundo), mas tentar concebe-las pelo processo. Assim, seguindo uma cadeia causal (“*following*”) de fluxo dentro da estrutura, permite construir categorias espaciais com maior poder epistemológico que as já definidas. Contudo, novas noções temporais também surgem na História Global (2016, p. 141). Elas envolvem perspectivas como a *Big History* e *Deep History* (2016, p. 160). Mas também é possível trabalhar com tempos de menor duração, desde que se dialogue com esses processos mais amplos ou estruturas diferentes e sobrepostas; para isso o conceito de “estratos do tempo” (*zeitschichten*) de Koselleck mostra-se útil (2016, p. 147). Uma visão estrutural também ressalta a necessidade da percepção do

sincrônico, para perceber como um processo pode influenciar diferentes locais com diferentes intensidades.

Na terceira parte, Conrad reflete sobre as questões éticas da História Global. Começando com a posicionalidade, ele desenvolve as críticas apresentadas anteriormente ao eurocentrismo. Assim, a nova perspectiva não oferece apenas novas possibilidades epistemológicas, mas é também uma ferramenta para a diversidade. Contudo ela precisa levar em conta as críticas realizadas pela nova história sobre as aproximações estruturais e/ou de macro-narrativas, as quais muitas vezes universalizavam uma perspectiva particular de mundo (2016, p. 170). O grande desafio é: como escrever uma História que ultrapasse os níveis locais, mas que não imponha uma visão particular como se fosse neutra? (2016, p. 171). Para responder tal desafio é preciso buscar conciliar a multiplicidade de perspectiva, mas ao mesmo tempo sem ficar preso em nativismos. Para assim possibilitando uma comunicação e compatibilidade entre as diversas narrativas (focando nas confluências de impactos políticos, institucionais, culturais e econômicos). A integração também se aplica a elas, para então ter o poder de fazer a diferença política e social. Logo, não é o ponto de vista de algum lugar que faz a diferença, mas sim o efeito desse ponto de vista particular nas teorias, que também aumenta o poder inclusivo (2016, p. 183). No processo de conceituação do mundo (*World-making*) a História Global não pode usar conceitos universalizantes, apesar de sua proposta unificadora. Conrad ressalta a importância de uma abertura por inovações conceituais ou mesmo a procura dos mesmos em culturas nativas (2016, p. 195). Conrad finaliza com um tópico instigado pela pergunta “para quem é a História Global?” (p. 205), refletindo as implicações políticas da mesma, pois ela é feita a partir do contexto e conflitos presentes. Logo, o autor coloca a necessidade de refletir os grupos privilegiados pela mesma. A sua maior preocupação é ser inclusiva, tanto geograficamente quanto conceitualmente; mas ao mesmo tempo contribuir para dar sentido a um processo de globalização que vivemos, algo que o estilhaçamento narrativo não faz de forma eficaz. Inclusão e maior poder explicativo de processos globais são demandas contemporâneas para a historiografia. Mas essas lançam novas aporias, como a necessidade de conceitos mais abrangentes e generalizantes. Isso para incluir os diferentes passados que surgem a partir de uma consciência transcultural através de um crescente

processo de integração. Tal fardo para a historiografia não permite mais a mesma se concentrar apenas em nações isoladas. Então, para o autor, ser historiador no século XXI significa ser um historiador global (p. 206). Este precisa ultrapassar os problemas da globalização não com respostas locais, mas com alternativas igualmente globais

Em *What is Global History?*, Conrad consegue indicar caminhos para responder a pergunta no título do livro. Ele se apresenta como uma leitura interessante por dois motivos. Primeiro pela erudição do autor ao conhecer uma ampla bibliografia e conecta-las em uma História da historiografia global (primeira parte) e aos debates atuais envolvendo ética narrativa (terceira parte). Segundo, pela argumentação consistente ao apresentar seu conceito de História Global como integração (segunda parte), esse capaz de manter uma abertura e inclusão ao mesmo tempo em que não deixa a noção de História Global ampla demais até perder seu poder significativo (a exemplo história das mentalidades). Todavia, percebe-se que o autor realiza duas manobras narrativas que ele mesmo critica na sua introdução. O primeiro é perceptível na sua história da História Global, relatada de forma teleológica, indo de histórias nacionais para as globais. O segundo ponto está ao colocar a integração como uma solução geral aplicável aos cinco modelos historiográficos, o que deixa a impressão de ofuscamento da diversidade historiográfica. Mas esses pontos não chegam a afetar a proposta geral do livro, que consegue delimitar o conceito, assim como defender a importância ética e epistemológica da História Global.

Resenha recebida em 10.03.2019, aprovada em 11.04.2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Broodbank, Cyprian. *The Making of the Middle Sea: A History of the Mediterranean from the Beginning to the Emergence of the Classical World*. London: Thames & Hudson, 2013.

Conrad, Sebastian. *What is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016.

Hill, Christopher. *National history and the world of nations: Capital, state, and the rhetoric of history in Japan, France, and the United States*. Durham: Duke University Press, 2008.

Horden, Peregrine; Purcell, Peregrine. *The Corrupting Sea*. Oxford: Blackwell, 2000.

Stuurman, Siep. Herodotus and Sima Qian: History and the Anthropological Turn in Ancient Greece and Han China. *Journal of World History*, vol. 19, n. 1, 2008, p. 1-40.

Van de mieroop, Marc. *The Eastern Mediterranean in the Age of Ramesses II*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2009.

Vlassopoulos, Kostas. *Greeks and Barbarians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.